

A Palatalização das Oclusivas [t] e [d] na Aquisição do Português por Nativos Americanos e Espanhóis: Implicações ao Ensino

THE OCCLUSIVE PALATALIZATION [t] AND [d] IN THE ACQUISITION
OF PORTUGUESE BY NATIVE AMERICANS AND SPANISH:
IMPLICATIONS TO THE TEACHING

Alessandra DUTRA *

Resumo: Este trabalho propõe a análise de um fenômeno de variação fonética na aquisição do português como língua estrangeira por nativos americanos e espanhóis: a palatalização das oclusivas [t] e [d] em palavras como *dica* [ˈdika] ~ [ˈdʒika] e *tive* [ˈtivi] ~ [ˈtʃivi]. Buscamos comparar a variação encontrada no português falado por americanos com a variação encontrada no português falado por nativos espanhóis e comprovar nossa hipótese de que as dificuldades que falantes de outras línguas enfrentam, ao aprender a língua portuguesa, apresentam-se como fenômenos naturais de variação e são condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Por fim, procuramos refletir sobre a formação adequada do professor de português como língua estrangeira e oferecer contribuições para a área de português para falantes de outras línguas (PPFOL). Para a realização desta pesquisa dividimos a fala de 11 informantes americanos e 11 espanhóis em estilos que vão dos informais até os mais formais. As conclusões a que chegamos com essa pesquisa levaram-nos a pensar no ensino do português para estrangeiros sob um novo prisma, que considere a formação dos

* Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2003). Atua como professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Contato: alessandradutra@yahoo.com.br

profissionais que trabalharão nessa área de maneira diferente daqueles que trabalharão com a língua portuguesa com falantes nativos do português.

Palavras-chave: Variação fonética. Aquisição de segunda língua. Fatores linguísticos e extralinguísticos.

Abstract: This study proposes the analysis of a phonetic variation phenomenon in the acquisition of the Portuguese as a foreign language by native Americans and Spanish: the occlusive palatalization [t] and [d] in words such as *dica* [ˈdíkə] ~ [ˈdʒikə] and *tive* [ˈtivi] ~ [ˈtʃivi]. We searched to compare the variation found in the Portuguese language spoken by Americans with the variation found in the Portuguese spoken by Spanish and to prove our hypothesis that the difficulties faced by other languages speakers when learning the Portuguese language are natural phenomena of variation and are conditioned by linguistics and extra linguistics factors. Finally we tried to reflect about the proper formation of Portuguese as a foreign language and to offer contributions for the area of Portuguese to other languages speakers (PPFOL). In order to carry out this research, we divided the speech of 11 American informants and 11 Spanish ones in styles that go from informal to more formal ones. The conclusion we reached with this research lead us to think of teaching Portuguese for foreign people under a different prism, which considers the formation of the professionals who will work in this area in a different way of those who will work with the Portuguese language with native Portuguese speakers.

Key-words: phonetic variation; second language acquisition; linguistics and extra linguistic factors.

Introdução

É cada vez mais comum depararmos com estrangeiros vivendo, trabalhando ou estudando em qualquer região do nosso país. Essa crescente migração de nativos de outros países para o Brasil advém, em grande parte, de missões religiosas; de interesses acadêmicos e de empresas multinacionais que se estabelecem no país, trazendo

funcionários de várias partes do mundo; ou simplesmente do interesse das próprias pessoas em residir em um país como o Brasil. Essas pessoas residentes no Brasil vão, ao chegar ao país, deparar-se com um idioma até então desconhecido por eles, a língua portuguesa. Ao entrarem em contato com o português, buscam aprendê-lo, para se sentirem mais confortáveis no trabalho, no ambiente escolar ou apenas para manter uma convivência social.

No entanto, na maioria das vezes que conversamos com um estrangeiro, a comunicação se faz por meio de um português marcado por interferências de sua língua materna. Isso ocorre, na maioria das vezes, no português de estrangeiros permanentes no Brasil, não importando o tempo de contato com a língua portuguesa. Isso ocorre devido às interferências da língua materna na língua estrangeira falada pelos aprendizes do português. Essas interferências contidas na língua portuguesa falada por um estrangeiro, muitas vezes decorre de estruturas novas para o aprendiz que não existem em sua língua materna. Sobre isso, Broselow (1984) comenta que, quando a língua-alvo apresenta estruturas silábicas¹ que não ocorrem na língua nativa, os falantes podem agir no sentido de forçar as estruturas da língua-alvo a se conformarem às restrições da língua nativa.

Dutra (2003) exemplifica que um falante nativo do português aprendiz do inglês apresenta dificuldade ao pronunciar as fricativas interdentais [θ, ð], em palavras como *think* [ˈθɪŋk] e *mother* [ˈmʌðɚ], pois esses sons não existem no quadro de consoantes do português, fazendo com que o aprendiz empregue [s] ou o [t] até que desenvolva a habilidade para pronunciar-las. Já um falante nativo da língua inglesa, no início de seu aprendizado da língua portuguesa, tende a realizar a retroflexa [ɻ] em início de sílaba *redonda* [ɻeˈdõda], *raso* [ˈɻazʊ], contextos esses em que tal consoante não ocorre no português. O mesmo ocorre com um falante do espanhol ao se deparar com as vogais abertas do português - sons que não ocorrem em sua língua nativa - ele vai pronunciar *sol* [soɻ], *mel* [meɻ] até que adquira habilidade para produzir estes sons.

¹ A nosso ver, não só as estruturas silábicas apresentam interferências no aprendizado de outra língua, mas também outras estruturas fonético-fonológicas, estruturas morfossintáticas, semânticas, entre outras.

A partir das implicações que algumas dificuldades trazem a estrangeiros ao pronunciar algumas estruturas da língua portuguesa, buscamos, nesta pesquisa, descrever a palatalização das oclusivas dentais [t, d] antes de [i] encontradas na fala de nativos americanos e espanhóis falantes aprendizes do português – que são estruturas da língua portuguesa produzidas em contextos difíceis para tais falantes.

Segundo Dutra (2003), à medida que depreendemos os fatores linguísticos e sociais que determinam a permanência de estruturas da língua nativa na língua aprendida, poderemos propor estratégias de ensino do português para estrangeiros que busquem dar conta das semelhanças e diferenças estruturais da língua nativa e da língua-alvo.

1 Procedimentos metodológicos

Os dados foram obtidos de informantes de duas nacionalidades diferentes. O primeiro deles, um grupo de 11 americanos e o segundo, um grupo de 11 informantes espanhóis, todos residentes na região Norte do Paraná, nas cidades de Cambé, Rolândia, Londrina e Ibiporã. Agrupamos os informantes em três faixas etárias: 1ª de 12 a 26 anos; 2ª de 27 a 45 e 3ª de 46 a 83 anos. Escolhemos essas faixas etárias, a fim de verificar se há diferenças ou semelhanças na aquisição do português pelos estrangeiros e, também, para abarcar os informantes dos dois grupos pesquisados. Portanto, nossa informante mais nova tem 12 anos e nosso informante mais velho tem 83 anos.

1.1 O Instrumento de Coleta de Dados

A pesquisa toma como referencial a proposta de coleta de dados de Labov (1972, p. 79-81): estilo espontâneo, estilo de fala dirigida, de leitura de texto e listas de palavras. Buscamos elaborá-lo dessa forma para que os informantes produzissem diferentes estilos de linguagem, que nos permitissem depreender desde a fala espontânea até a fala em contextos mais formais. O autor afirma que o instrumento de coleta de dados, elaborado e dividido dessa maneira, permite ao pesquisador coletar os mesmos fenômenos em vários estilos de linguagem.

A primeira parte da pesquisa de campo caracterizou-se por uma conversa informal com o intuito de coletar dos informantes uma fala,

a mais espontânea possível. A segunda parte do instrumento de coleta de dados constituiu-se de um questionário dirigido com 59 perguntas, as primeiras 41 versando sobre assuntos diversos e as outras 18 sobre os campos semânticos de termos referentes à natureza e partes do corpo. Escolhemos esse assunto por abranger vocabulário básico para aprendizes de segunda língua e, também, para que os informantes não percebessem nosso interesse em focar itens nos quais eles apresentam dificuldades na realização de fonemas da língua portuguesa em determinados contextos fônicos e/ou estruturas silábicas.

Na terceira parte, os informantes leram dois textos, a música *João e Maria* de Chico Buarque de Holanda e Sivuca e a fábula *A Raposa e as Uvas* de Monteiro Lobato. Duas informantes americanas da 1ª faixa etária leram somente a fábula, pois, devido ao pouco tempo de aprendizado do português, não se sentiram seguras para ler o texto mais longo referente à música. Na última etapa da pesquisa de campo, solicitamos aos informantes que lessem uma lista de 72 palavras – que contemplam a possibilidade de ocorrência dos fenômenos de variação que constituem dificuldades na aprendizagem do português pelos grupos pesquisados – contendo verbos no infinitivo, plural de nomes, plural de verbos, ditongos, verbos no gerúndio e diversos substantivos e 24 pares de palavras como *milha / minha, novo / nova*.

1.2 Transcrição fonética dos dados

Na transcrição fonética dos fenômenos estudados, utilizamos um programa de computador chamado *speech analyzer* (analisador de fala). Para que a análise fosse realizada nesse programa, transportamos as gravações com o gravador que necessita de MD para um CD ROM, gravado através de um aparelho de som com suporte de MD e gravadora de CD e os que possuem cabo de USB foram transportados direto para o computador. O formato gravado por esses aparelhos é em *mp3*² e o programa *speech analyzer* analisa os dados em *wave*.³

² MPEG 1 Layer 3 é um formato de gravação para arquivos sonoros que possui alta fidelidade e compactação. Os arquivos gravados nesse formato chegam a ficar 11 vezes menores do que os mesmos arquivos em *wave*.

³ É um padrão sonoro utilizado pelo Windows.

Utilizamos, então, outro programa chamado *soundforge* para transformar o formato *mp3* para o formato *wave*. Depois disso, realizamos a transcrição dos dados com o auxílio do *speech analyzer*.

2 A palatalização das oclusivas dentais [t, d]

Nesta pesquisa buscamos analisar a palatalização das oclusivas dentais *tia* [tia] ~ [tʃia], *dia* [dia] ~ [dʒia] na fala dos nativos americanos e espanhóis aprendizes do português.

Consideramos, em nossa análise, os contextos linguísticos em que as variantes ocorrem (posição na estrutura da sílaba⁴, posição no interior do vocábulo e contexto fônico precedente e/ou seguinte) e os fatores extralinguísticos – faixa etária e estilos de linguagem em que os dados foram coletados – que pressupomos estarem favorecendo o uso das variantes típicas da língua portuguesa ou determinando a permanência de variantes próprias da língua materna (inglês e espanhol) dos informantes. Nosso *corpus* constitui-se de um total de 2.162 ocorrências referentes ao fenômeno da palatalização.

A palatalização das oclusivas dentais [t, d] antes de [i] realiza-se variavelmente na fala do grupo de americanos e espanhóis pesquisado. As oclusivas [t, d] podem ocorrer com articulação alveolar ou dental.

⁴ Adotamos a noção de sílaba proposta por Abercrombie (1967), apresentada por Cristófaró-Silva (2001), que apresenta a teoria de Stetson (1951), a qual explica a sílaba em termos do mecanismo de corrente de ar pulmonar. Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar, o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. Os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constituem a base de uma sílaba. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva dessa força. Temos, então, três partes na estrutura de uma sílaba. Uma parte nuclear que é obrigatória e geralmente é preenchida por um segmento vocálico (que pode ser um segmento consonantal nasal, líquida [l ou R] ou [s] ocorre nesta posição em determinadas línguas). As outras duas partes na estrutura silábica são periféricas, opcionais e são preenchidas por segmentos consonantais. Quando ocorrem estes segmentos consonantais podem apresentar uma ou mais consoantes. Se a sílaba apresentar

Todavia, em determinadas regiões brasileiras, aparecem com articulação alveopalatal, [tʃ, dʒ] quando seguidas de [i]. A palatalização das oclusivas dentais realiza-se tipicamente no Sudeste brasileiro e Centro-Oeste, ocorrendo também em regiões menos delimitadas como Norte e Nordeste. No norte paranaense, onde vivem os informantes desta pesquisa, aplica-se categoricamente a regra de palatalização de [t, d] antes de [i].

Na língua inglesa, as oclusivas [t, d] são produzidas com articulação ápico-alveolar e as africadas [tʃ, dʒ] com articulação alveopalatal – *ticket* [ˈtɪkɪt], *child* [ˈtʃaɪld], *diplomat* [ˈdɪpləmæt], *jig* [ˈdʒɪg]. Tanto as oclusivas quanto as africadas realizam-se em início e final de sílaba, em início, meio e final de vocábulo (DUTRA, 2003).

Na língua espanhola, as oclusivas surda /t/ e sonora /d/ são produzidas com articulação linguodental *tilo* [ˈtilo], *disco* [ˈdisko] e as africadas [tʃ, dʒ] com articulação linguopalatal – *yuca* [ˈdʒuka], *marcha* [ˈmaɾtʃa]. No entanto, a oclusiva pode aparecer também como fricativa em alguns contextos. Tanto as surdas quanto as sonoras aparecem em início, meio e final de sílaba. Já a africada /tʃ/ ocorre no espanhol com a grafia **ch** e a africada /dʒ/ ocorre com a grafia **y** e, também, com a grafia **ll**, aparecendo em início de sílaba, em início, meio e final de vocábulo. Ambas aparecem antecedendo as vogais [a, e, i, o, u].

3 Análise dos dados

Nosso *corpus* referente à palatalização das oclusivas conta com

apenas o segmento vocálico, este preencherá todas as partes da estrutura da sílaba. A sílaba inicial da palavra “atrás”, por exemplo, apresenta apenas o segmento vocálico. A sílaba final da palavra “atrás” apresenta parte periférica à esquerda preenchida por duas consoantes: **tr**. A parte periférica à direita é preenchida pela consoante **s**. O pico silábico da sílaba final da palavra atrás é a vogal **a** que se encontra entre as consoantes **tr** e **s**. Segmentos consonantais e vocálicos são distribuídos na estrutura silábica das línguas, determinando as palavras bem-formadas naquela língua e excluindo palavras mal-formadas. Então, toda sílaba apresenta obrigatoriamente um pico ou núcleo. O núcleo de uma sílaba pode ser acentuado ou não. O acento é uma propriedade caracterizada pela tonicidade.

um total de 2.162 ocorrências. Dos 994 usos dessas variantes na fala dos americanos, 378 (38,03%) são das oclusivas e 616 (61,97 %) das africadas. Na fala dos espanhóis verificamos um total de 1.168 ocorrências, 875 oclusivas (74,91%) e 293 (25,09%) africadas, predominando assim o uso das variantes oclusivas no grupo espanhol e africada no grupo americano. Nessa primeira reflexão sobre os dados, vemos que os espanhóis empregam mais as oclusivas do que os americanos.

Os dados mostram que as variantes africadas aparecem na fala dos dois grupos das três faixas etárias, de aprendizes do português pesquisados – *dia* [ˈdʒia], *típo* [tʃipʊ], apresentando os falantes da faixa etária mais avançada uma redução nos índices de uso das africadas em relação aos das faixas etárias mais jovens. Os falantes da faixa etária mais velha recorrem com mais frequência às oclusivas – *dia* [ˈdia], as quais se reduzem, também gradualmente, nas faixas etárias mais jovens. Os resultados indicam que, da mesma forma que os informantes mais jovens têm mais facilidade para produzir a variedade das vibrantes mais próxima à do norte paranaense, o mesmo ocorre com o fenômeno da palatalização (cf. tabelas 1 e 2).

Em relação à palatalização na fala do grupo de americanos, vemos que os estilos de linguagem mostram-se também relevantes no que tange à aplicação da regra de palatalização (cf. tabela 3). Os índices da oclusiva [d] tanto na 1ª quanto na 3ª faixa etária diminuem gradativamente, à medida que os estilos se tornam mais formais – exceto nos estilos de fala que envolvem a escrita (leitura de texto) (cf. tabela 3). Na 2ª faixa etária, os índices de uso dessa consoante também diminuem à medida que os contextos se tornam mais formais – exceto nos estilos de linguagem sonora (DUTRA, 2003).

Tabela 1 – Palatalização da oclusiva [d], pelos informantes americanos e espanhóis das três faixas etárias, em início e meio de vocábulo

AMERICANOS						
	1ª Faixa etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
	nº	%	nº	%	nº	%
[dʒ]	174	95,60%	98	75,38%	46	21,40%
[d]	8	4,40%	32	24,62%	169	78,60%
TOTAL	182	100%	130	100%	215	100%

ESPAÑHÓIS						
	1ª Faixa etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
	nº	%	nº	%	nº	%
[dʒ]	81	90,00%	5	4,13%	11	3,27%
[d]	9	10,00%	116	95,87%	325	96,73%
TOTAL	90	100%	121	100%	336	100%

Tabela 2 – Palatalização da oclusiva [t], pelos informantes americanos e espanhóis das três faixas etárias, em início e meio de vocábulo

AMERICANOS						
	1ª Faixa etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
	nº	%	nº	%	nº	%
[tʃ]	131	97,76%	102	87,93%	66	30,14%
[t]	3	2,24%	14	12,07%	153	69,86%
TOTAL	134	100%	116	100%	219	100%

ESPAÑHÓIS						
	1ª Faixa etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
	nº	%	nº	%	nº	%
[tʃ]	141	97,24%	41	21,47%	14	4,91%
[t]	4	2,76%	150	78,53%	271	95,09%
TOTAL	145	100%	191	100%	285	100%

Os dados mostram que o uso das africadas *dia* [ˈdʒia], *típo* [tʃipɔ] pelos espanhóis da primeira faixa etária mantêm-se altos nos estilos de linguagem espontâneo e dirigido, apresentando redução no estilo que envolve a leitura (85%). Em relação às oclusivas *dia* [ˈdia], *típo* [tipɔ], vemos aumento gradativo em sua realização à medida que os estilos de fala se tornam mais formais – exceto no estilo de leitura de pares de palavras.

Tabela 3 – Palatalização da oclusiva [d], pelos informantes americanos das três faixas etárias, nos quatro estilos de linguagem

		Americanos					
		1ª Faixa Etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
		nº	%	nº	%	nº	%
Espontânea	[dʒ]	76	93,83%	21	75,00%	7	6,73%
	[d]	5	6,17%	7	25,00%	97	93,27%
TOTAL		81	100%	28	100%	104	100%
Dirigida	[dʒ]	66	98,51%	54	69,23%	28	45,16%
	[d]	1	1,49%	24	30,77%	34	54,84%
TOTAL		67	100%	78	100%	62	100%
Texto	[dʒ]	29	93,55%	21	95,45%	8	18,18%
	[d]	2	6,45%	1	4,55%	36	81,82%
TOTAL		31	100%	22	100%	44	100%
Pares	[dʒ]	3	100%	2	100%	3	60,00%
	[d]	0	0,00%	0	0,00%	2	40,00%
TOTAL		3	100%	2	100%	5	100%

Na segunda faixa etária, não houve ocorrência da variante africada na fala espontânea, estilo em que o informante não se preocupa com a fala, conforme ocorre na fala dirigida, apresentando uma redução à medida que o estilo se torna mais formal como, por exemplo, em leitura de texto. As oclusivas aparecem em (100%) na fala espontânea, apresentando pequena queda no estilo dirigido, voltando a se elevar à medida que os estilos se tornam mais formais. No estilo que julgamos mais formal, não houve ocorrência da africada. Na terceira faixa etária, tal fato também ocorre – exceto no estilo de pares de palavras (cf. tabela 4). As oclusivas, por sua vez, têm seus índices elevados nos estilos mais informais, apresentando uma pequena redução no estilo

considerado mais formal como, por exemplo, em leitura de pares de palavras.

Como vemos na tabela 5, em relação à africada [tʃ], os índices apresentam aumento gradual nos estilos de linguagem sonora, apresentando queda em estilos que envolvem a escrita na primeira faixa etária. Nas segunda e terceira faixas etárias, a tendência parece ser a mesma: os índices da africada são altos em estilo de fala, apresentando queda no estilo de leitura de texto que envolve a escrita.

Tabela 4 – Palatalização da oclusiva [d], pelos informantes espanhóis das três faixas etárias, nos quatro estilos de linguagem

		Espanhóis					
		1ª Faixa Etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
		nº	%	nº	%	nº	%
Espontânea	[dʒ]	16	94,12%	0	0,00%	0	0,00%
	[d]	1	5,88%	35	100%	135	100%
TOTAL		17	100%	35	100%	135	100%
Dirigida	[dʒ]	27	93,10%	8	13,11%	4	2,67%
	[d]	2	6,90%	53	86,89%	146	97,33%
TOTAL		29	100%	61	100%	150	100%
Texto	[dʒ]	34	85,00%	3	10,34%	0	0,00%
	[d]	6	15,00%	26	89,66%	41	100%
TOTAL		40	100%	29	100%	41	100%
Pares	[dʒ]	4	100%	0	0,00%	1	25,00%
	[d]	0	0,00%	2	100%	3	75,00%
TOTAL		4	100%	2	100%	4	100%

Tabela 5 – Palatalização da oclusiva [t], pelos informantes americanos das três faixas etárias, nos quatro estilos de linguagem

		Americanos					
		1ª Faixa Etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
		nº	%	nº	%	nº	%
Espontânea	[tʃ]	43	97,73%	7	87,50%	17	16,19%
	[t]	1	2,27%	1	12,50%	88	83,81%
TOTAL		44	100%	8	100%	105	100%
Dirigida	[tʃ]	42	100%	50	86,21%	35	45,45%
	[t]	0	0,00%	8	13,79%	42	54,55%
TOTAL		42	100%	58	100%	77	100%
Texto	[tʃ]	20	83,33%	20	83,33%	9	45,00%
	[t]	4	16,67%	4	16,67%	11	55,00%
TOTAL		24	100%	24	100%	20	100%
Pares	[tʃ]	25	96,15%	25	96,15%	4	25,00%
	[t]	1	3,85%	1	3,85%	12	75,00%
TOTAL		26	100%	26	100%	16	100%

Os dados referentes à palatalização de /t/ pelos espanhóis mostram que os informantes espanhóis da primeira faixa etária realizam a africada /S/ de modo praticamente categórico, apresentando pequena redução desse uso no estilo de leitura de pares de palavras, considerado o estilo mais informal (cf. tabela 6). Já na segunda faixa etária, vemos que a africada apresenta aumento do estilo espontâneo para o dirigido e mantém esses índices até os estilos mais formais com uma pequena redução do estilo dirigido para o de leitura de texto. A oclusiva /t/, por sua vez, apresenta-se com um índice maior de uso no estilo espontâneo e reduz seu uso à medida que os estilos se tornam mais formais – exceto no estilo de linguagem dirigido.

Na terceira faixa etária percebemos que há um baixo índice de uso da africada – exceto no estilo dirigido que apresenta um pequeno aumento – e uma redução gradual no uso da oclusiva /t/, à medida que os estilos se tornam mais formais – exceto no estilo de fala dirigida.

Tabela 6 – Palatalização da oclusiva [t], pelos informantes espanhóis das três faixas etárias, nos quatro estilos de linguagem

		Espanhóis					
		1ª Faixa Etária		2ª Faixa etária		3ª faixa etária	
		nº	%	nº	%	nº	%
Espontânea	[tʃ]	25	100%	4	10,53%	6	6,32%
	[t]	0	0,00%	34	89,47%	89	93,68%
TOTAL		25	100%	38	100%	95	100%
Dirigida	[tʃ]	47	100%	24	24,24%	16	12,60%
	[t]	0	0,00%	75	75,76%	111	87,40%
TOTAL		47	100%	99	100%	127	100%
Texto	[tʃ]	30	100%	5	23,81%	2	6,67%
	[t]	0	0,00%	16	76,19%	28	93,33%
TOTAL		30	100%	21	100%	30	100%
Pares	[tʃ]	39	90,70%	8	24,24%	0	0,00%
	[t]	4	9,30%	25	75,76%	43	100%
TOTAL		43	100%	33	100%	43	100%

Acreditamos que a queda dos índices das africadas na fala do grupo de americanos, sobretudo nos estilos de linguagem que envolvem a escrita – leitura de texto e da lista de palavras – deve-se à incerteza dos informantes em realizar essas consoantes, pois, na língua portuguesa, elas são grafadas com as letras **t** e **d** – *tia* [ˈtʃia] e *dia* [ˈdʒia] (DUTRA, 2003). Na língua inglesa, as africadas são grafadas, na maioria das vezes, com as letras **j/g** e **ch** – *jet* [ˈdʒɛt]; *child* [ˈtʃaɪld]. Percebemos hesitação dos informantes, durante a leitura de texto e da lista de palavras, em palatalizar as oclusivas [t, d], ao passo que, em palavras grafadas com as letras **j/g** e **ch**, alguns aprendizes empregaram as africadas, guiados pela grafia de sua língua materna.

O uso das africadas pelos espanhóis também é comprometido, visto que, assim como ocorre com americanos, durante as entrevistas nos estilos de fala que envolve a leitura, há a interferência da grafia **ch**, **y** – *yuca* [ˈdʒuka], *marcha* [ˈmaɪtʃa]. No caso dos informantes espanhóis, o uso das africadas é maior também entre os informantes mais jovens. De modo geral, os índices das africadas aumentam à medida que os estilos se tornam mais formais – exceto em alguns contextos.

Considerações finais

Os dados acerca do fenômeno de palatalização mostram a mesma tendência de uso das vibrantes pelos grupos de americanos e espanhóis. Os índices de uso das oclusivas são maiores entre os informantes mais velhos; os informantes mais jovens usam menos essas variantes. Já as africadas foram mais empregadas pelas faixas etárias mais jovens e menos pelas faixas etárias mais velhas. Estudiosos como Dulay, Burt e Krashen (1982) afirmam que o fator idade influencia muito na aquisição de segunda língua. Expõem eles:

The belief that children are better at language acquisition than adults is supported by both scientific and anecdotal evidence. Children acquiring second language in natural environments are more likely to eventually sound like native speakers than adults are.⁵

Os condicionantes linguísticos e extralinguísticos influenciaram variavelmente os americanos no fenômeno da palatalização. Em relação aos estilos de linguagem, à medida que eles se tornam mais formais, os índices da palatalização aumentam – exceto em alguns estilos mais formais de fala.

De modo geral, na fala do grupo de espanhóis, os índices referentes ao uso das africadas nas primeira e segunda faixas se elevam conforme os estilos de linguagem se tornam mais formais – exceto em alguns contextos, resultado parecido com o observado na fala do grupo de americanos. Já na terceira faixa etária há uma redução no uso das africadas. O uso das oclusivas, por sua vez, diminui, exceto em alguns estilos de fala.

Pudemos observar que, além da influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos no fenômeno de palatalização, há também a

⁵ A crença de que crianças são melhores em aquisição de língua do que os adultos é sustentada por ambas as evidências: científicas e anedóticas. As crianças, adquirindo a segunda língua em ambiente natural, são mais propensas a eventuais descobertas como os falantes nativos do que os adultos.

interferência da escrita da língua materna na fala dos dois grupos analisados. Tal influência mostra-se evidente, principalmente, nos estilos de leitura de texto e da lista de palavras, na qual ocorreu redução nos índices das africadas. Percebemos que, em estilos de linguagem em que o falante utiliza uma fala menos refletida, sobretudo em conversa espontânea –, já que, no estilo de entrevista dirigida, o informante tem alguns momentos para refletir sobre suas respostas – os aprendizes do português realizam as africadas. Os estilos de linguagem, em que os informantes refletem sobre as respostas que vão dar ou os estilos que envolvem a escrita, levaram à redução na realização dessas consoantes.

Em relação à palatalização das oclusivas, percebemos que o fator extralinguístico estilo de linguagem induziu os informantes americanos e espanhóis mais jovens a se aproximarem da variante falada no norte paranaense, porquanto, à medida que os estilos se tornam mais formais, há um aumento no uso da africada /tʃ/. Com os informantes mais velhos ocorre o contrário: há redução da africada e aumento da oclusiva, o que os leva a empregar a variedade presente em sua língua materna.

O professor precisa atentar para o fato de que, na língua portuguesa, há a palatalização de [t] e [d], podendo acarretar variação na fala dos aprendizes do português. Já na língua inglesa podem ser palatalizadas, além de [d], também palavras grafadas com as letras **j/g** e **ch**, em palavras como *jeep* [ˈdʒi:p]; *general* [ˈdʒɛn.ə.rəl] e *teach* [ˈti:tʃ]; no espanhol, as palatalizações ocorrem com **ch**, *noche* [ˈnotʃe], com **y** *aya* [ˈadja] e, às vezes com **ll**, *callado* [kaˈdʒado].

Diante dos resultados obtidos percebemos a importância de conhecer os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos para propor estratégias que dêem conta das dificuldades apresentadas em uma sala de aprendizes do português com diferentes nacionalidades. Vemos a importância do papel exercido pelo profissional que irá trabalhar com esses aprendizes. Além de conhecimentos em morfologia, sintaxe, semântica, fonética e fonologia, é necessário conhecer os pressupostos da Sociolinguística, uma vez que os fatores linguísticos e extralinguísticos determinam a variação, a dificuldade e a facilidade na aquisição da língua falada pelos aprendizes do português como língua estrangeira.

É necessário, também, que o profissional adote metodologias diferenciadas e tenha conhecimento da Análise Contrastiva para auxiliar os alunos na aquisição de alguns sons que, devido às diferenças entre as duas línguas, causam dificuldades para os aprendizes, propondo-lhes atividades que os possam auxiliar na aprendizagem desses sons.

O conhecimento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na aprendizagem de línguas, ocasionando variação, e de que o ensino precisa ser diferenciado de acordo com essa influência, permitem ao professor refletir sobre a seleção de técnicas, de recursos, de novas escolhas e formas de pensar o trabalho de ensino e aprendizagem do português como língua estrangeira, que sejam voltadas para as dificuldades de cada aluno ou grupo de alunos no ensino do português para estrangeiros, considerando as especificidades de todos, além de considerar os fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo de ensino e aprendizagem.

Para que isso ocorra, vemos a necessidade de refletir sobre a formação dos futuros professores que irão atuar no ensino de português para estrangeiros e isso requer investimento em pesquisas e programas de graduação e pós-graduação, a fim de buscar técnicas e metodologias mais adequadas que tornem a aquisição de língua estrangeira mais satisfatória. Além de associações e fóruns, é necessário o estabelecimento de parcerias e projetos que possam oferecer contribuições metodológicas e científicas às pesquisas na área, trazendo benefícios àqueles que aprendem o português como língua estrangeira tanto no Brasil quanto em outros países.

Referências

BROSELOW, E. Uma investigação sobre transferência em fonologia de segunda língua. *IRAL*, v. 22, n. 4, 1984.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

DULAY, H.; BURT, M.; KRASHEN, S. *Language two*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1982.

DUTRA, A. *Fenômenos de variação na aquisição do português como segunda língua*. 2003. 124p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2003.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1982.